

A CORRENTE ALTHUSSERIANA E O DESENVOLVIMENTO DO MATERIALISMO HISTÓRICO

Décio Azevedo Marques de Saes¹

RESUMO: O artigo discute se ainda vale a pena investir na reflexão sobre o materialismo histórico, já que esse monumental programa teórico, construído por Marx e Engels, com apoio num vasto e paciente trabalho de pesquisa histórica, parece estar, hoje, cercado por todos os lados. O autor defende o uso dessa expressão de forma enfática, porque os intelectuais conservadores estariam agora coadjuvados, no ataque ao materialismo histórico, por antigos althusserianos, que se renderam à proposta catastrófica do último Althusser: o projeto de construção de um “materialismo do encontro”, sobre as ruínas da teoria marxista da história.

Palavras-chave: Materialismo histórico. Marx. Engels.

ABSTRACT: The article discusses whether it is still worth investing in the reflection on historical materialism, since this monumental theoretical program, built by Marx and Engels, with support in a vast and patient work of historical research, seems now surrounded by all sides. The author defends the use of this expression emphatically, because the conservative intellectuals would now be assisted in attacking historical materialism by the ancient Althusserians, who surrendered to the catastrophic proposal of the last Althusser: the project of constructing a "materialism of the encounter", on the ruins of Marxist theory of history.

Key-words: Historical materialism. Marx. Engerls.

Muitos intelectuais se perguntarão, ao lerem o título deste texto, se ainda vale a pena investir na reflexão sobre o materialismo histórico, já que esse monumental programa teórico, construído por Marx e Engels com apoio num vasto e paciente trabalho de pesquisa histórica, parece estar, hoje, cercado por todos os lados. Se uso essa expressão enfática, é porque os intelectuais conservadores são agora coadjuvados, no ataque ao materialismo histórico, por antigos althusserianos, que se renderam à proposta catastrófica do último Althusser: o projeto de construção de um “materialismo

¹ Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo.

do encontro”, sobre as ruínas da teoria marxista da história. Como reação a esse ataque, que sintomaticamente empolga muitos intelectuais pouco envolvidos com pesquisa histórica, prefiro me lançar, neste espaço, a uma avaliação sobre tudo o que há de positivo no empenho inicial da corrente althusseriana em desenvolver e aprofundar a teoria marxista da história. É verdade que o “materialismo do encontro” não tem obtido grande repercussão acadêmica ou política, tendo conquistado sobretudo as mentes de alguns antigos althusserianos. Seria pouco provável que essa apologia do papel do acaso na história impactasse pesquisadores do processo histórico, sem tempo ou disposição para embarcar em aventuras intelectuais ; ou seduzisse intelectuais antimarxistas , já municiados há muito tempo pelas ideias de filósofos como Derrida , Deleuze e Lyotard . Mas isso não exime os admiradores do primeiro pensamento althusseriano de examinar as teses do último Althusser sobre o materialismo histórico. Esse exame talvez dê elementos para a exploração da hipótese de que certas dificuldades encontradas na reflexão inicial sobre os princípios fundamentais do materialismo histórico podem ter levado Althusser , de modo desarrazoado , a uma ruptura final com a teoria marxista da história . Não é este, entretanto, o objetivo deste texto. Queremos, aqui, tão somente dar continuidade a um trabalho que começamos há três décadas: a busca de meios teóricos para desenvolver e aperfeiçoar as primeiras teses althusserianas sobre o materialismo histórico . Como, por uma série de razões, não pudemos avançar suficientemente nessa busca , é nela que ainda investiremos nossa energia intelectual . Estamos certos de que, para os intelectuais marxistas comprometidos com a reafirmação da validade científica do materialismo histórico , essa tarefa é mais relevante que a crítica genérica do “materialismo do encontro” e das teses sobre o papel do acaso no processo histórico .

Neste trabalho , levarei em conta sobretudo as teses contidas nos textos althusserianos do período 1960-1970 , especialmente *Pour Marx* e *Lire le Capital* . A evolução posterior da posição teórica dos integrantes da corrente althusseriana se fez por diferentes caminhos : o distanciamento , o abandono ou a autocrítica com relação às teses iniciais sobre o materialismo histórico . Não será possível, neste breve texto , acompanhar e comentar tal evolução . Também por razões práticas, terei de minimizar, neste texto, diferenças que podem ser detectadas entre os próprios textos da primeira fase; bem como desconsiderar certas incongruências que atravessam um mesmo texto. Essa simplificação é necessária para que se possa restituir o significado dominante desse conjunto de textos ; e , a seguir , fazer algumas observações críticas , de caráter construtivo , sobre o trabalho althusseriano no terreno do materialismo histórico .

A matriz da totalidade social

Althusser começa o seu livro *Lênin e a filosofia* (1969) com a seguinte declaração : “ Marx abriu para o conhecimento científico um novo e terceiro continente : o continente História” . Essa formulação já sugere que , para a corrente althusseriana , o mais importante legado do marxismo é a sua teoria materialista da história ; e não , a sua filosofia ou o seu método . Para Althusser , os clássicos do marxismo deixaram a Ciência da História em situação bem mais avançada que a sua filosofia ou o seu método . Esse avanço da Teoria marxista da História com relação à Filosofia marxista é , para Althusser , um fenômeno natural : e isto porque as grandes revoluções científicas , em geral , precedem as grandes revoluções filosóficas que lhes correspondem .

Porém, constatar esse avanço não implica, para a corrente althusseriana , concluir que nada mais há a realizar no terreno da Teoria marxista da História ; muito pelo contrário . Para os althusserianos , Marx e Engels formularam os princípios fundamentais de uma análise materialista do funcionamento e da transformação das sociedades humanas . Mas o trabalho de construção dos conceitos necessários à análise desses processos teria parado no meio do caminho . Ou melhor: tais conceitos estariam sugeridos pelo conjunto das análises de Marx e Engels , mas não teriam sido formalizados. Dessa constatação, nasce a plataforma intelectual althusseriana : caberia aos marxistas construir os conceitos faltantes , utilizando como estratégia a busca , nos textos de Marx e Engels , dos sintomas de sua existência potencial (essa busca foi denominada “leitura sintomal” pelos althusserianos) .

O momento inaugural - e primordial - dessa busca althusseriana dos conceitos “ausentes” (porém sugeridos) é a proposição de uma concepção ampliada de totalidade social . Tal concepção se configura como uma superação da visão marxista clássica da totalidade social. O marxismo clássico apresentava a sociedade como a articulação entre uma infraestrutura (a economia), encarada como a base e o fundamento de toda a vida social ; e uma superestrutura (o Estado , o direito , a ideologia) , encarada como um reflexo da infraestrutura . A concepção althusseriana de totalidade social é inovadora em dois aspectos: a) a nomeação dos elementos que a compõem; b) o tipo de relacionamento que se estabelece entre tais elementos. Na totalidade social althusseriana , a infraestrutura e a superestrutura , dotadas de papéis fixos dentro da vida social total , cedem lugar a uma pluralidade de estruturas , cujo relacionamento é mais complexo que o relacionamento unilateral entre base e topo .

Mas o que é estrutura para a corrente althusseriana ? A resposta a essa questão é surpreendente: embora o conceito de estrutura seja um dos elementos centrais da concepção althusseriana de totalidade social, ele jamais é definido de modo explícito e sistemático nos textos althusserianos . Cabe, portanto, ao leitor proceder por contextualização; e, desse modo, extrair o conceito do uso prático que os althusserianos fazem dessa expressão. É curioso que , em Lire le Capital , os althusserianos qualificam o conceito de estrutura como o “grande ausente” no discurso teórico do Marx da maturidade ; no entanto , essa observação não é seguida por um trabalho de conceituação precisa de “estrutura” .

A leitura dos textos althusserianos da primeira fase nos leva a pensar que, dentro da totalidade social, há sistemas de valores , de caráter ideológico , operando de modo prescritivo em cada um dos níveis da atividade social total . A estrutura consiste, portanto, no sistema de ideias que se impõem às práticas de um determinado tipo, enquadrando-as e confinando-as dentro de certos limites . Ela atua como o guia ideológico de uma prática de certo tipo , permitindo a sua reprodução constante e assegurando a sua durabilidade no tempo histórico . Exemplifiquemos . A estrutura econômica impõe aos homens um determinado comportamento econômico . Mais especificamente : no caso do capitalismo , a estrutura econômica impõe : a) aos homens destituídos dos meios de produção , a submissão ao assalariamento ; b) aos proprietários dos meios de produção , a prática combinada da dominação econômica sobre os trabalhadores e do respeito à sua liberdade de ir e vir . A estrutura jurídico-política impõe aos homens um determinado comportamento político . Mais especificamente : no caso do capitalismo , a estrutura jurídico-política impõe aos homens o comportamento de cidadãos ; isto é , a tendência à sujeição legal , e não pessoal , ao poder de Estado.

Acima , procuramos esclarecer o que são as estruturas componentes da totalidade social . Agora , devemos abordar uma nova questão : quantas estruturas particulares compõem a totalidade social ? Não há uma resposta única para essa questão nos textos althusserianos . Nalguns deles , os althusserianos optaram por uma fórmula binária : a totalidade social consistiria numa articulação entre estrutura econômica e estrutura jurídico-política . Noutros textos , os althusserianos se inclinaram para uma fórmula trinitária : faria parte da totalidade social , além das duas estruturas já mencionadas , uma estrutura propriamente ideológica (isto é , um sistema de valores que orientaria as

atividades ideológicas). Pode-se , porém , dizer que , no conjunto dos textos da primeira fase , foi a fórmula trinitária que se mostrou predominante .

É surpreendente que os althusserianos não tenham notado que , ao optarem pela fórmula trinitária , eles tornavam incongruente a sua concepção geral de totalidade social . Uma estrutura é um sistema de valores , cuja natureza é diretamente ideológica . Ela só ganha existência concreta através de práticas, dotadas , todas elas , de uma orientação ideológica . Por isso mesmo , a estrutura foi nomeada pelos althusserianos “causa ausente” : ou seja , uma causa que só existe através dos seus efeitos . Esse tipo de relação entre estrutura e prática foi qualificado , pelos althusserianos , como “causalidade metonímica” . A consequência dessa orientação teórica para a caracterização da totalidade social é óbvia . A existência de cada estrutura que integra a totalidade social só pode ser comprovada pela orientação ideológica das práticas sociais . Ora , se todas as práticas sociais , por serem definidas como práticas de natureza ideológica , fossem vistas como efeitos de uma estrutura especificamente ideológica , as estruturas econômica e jurídico-política deixariam de produzir efeitos específicos , pois todas as práticas que elas orientam estariam relacionadas exclusivamente com a estrutura ideológica .

A corrente althusseriana nunca refletiu teoricamente sobre essa incongruência ; mas foi capaz de encontrar uma solução prática para o problema . A saber : na análise de totalidades sociais particulares (sobretudo a totalidade social capitalista) , os althusserianos tenderam a desconsiderar a estrutura ideológica , e a analisar apenas a relação entre as estruturas econômica e jurídico-política (vejam-se , por exemplo , os textos de Althusser e Balibar em Lire le Capital) . Esse reposicionamento analítico indica que a crítica à fórmula trinitária pode perfeitamente ser feita de dentro da concepção althusseriana de totalidade social .

Todavia , foi outra a crítica predominante aos procedimentos althusserianos de nomeação das estruturas que compõem a totalidade social . Para muitos pesquisadores de ciências humanas , marxistas ou não , os althusserianos , ao nomearem apenas três estruturas , não teriam levado em conta a multiplicidade de níveis da vida social total : os níveis cultural , filosófico , religioso , artístico , etc.. Tais pesquisadores endereçavam aos althusserianos a seguinte questão : se as instâncias da vida social são numerosas , por que nomear apenas três estruturas na caracterização geral da totalidade social ? Na resposta a esse tipo de crítica , os althusserianos tenderam a se defender , intensificando as alusões às demais “instâncias” da vida social . Eles deixaram , entretanto , de lado a

questão teórica fundamental : Todas as instâncias da vida social têm de funcionar , sim ou não , como estruturas dentro da totalidade social ?

Devemos , aqui , tentar formular uma resposta a essa questão ; e , dada a nossa proposta teórica (participação no projeto althusseriano de reconstrução do materialismo histórico) , essa proposta deve ser plausível na perspectiva althusseriana . Nossa resposta supõe a distinção teórica entre estruturas e instâncias . É a articulação das estruturas que instaura um quadro geral de valores predominante na sociedade . Mas a reprodução e o funcionamento das demais instâncias da vida social dependem desse quadro geral de valores ; ou seja , exprimem os valores predominantes na sociedade . Mais especificamente : a articulação das estruturas econômica e jurídico-política instaura um sistema geral de valores que será decisivo para a configuração de sistemas filosóficos , tendências artísticas , doutrinas religiosas , etc..

Reconheça-se que essa visão teórica sobre o relacionamento entre estruturas e instâncias exigirá muito trabalho de pesquisa dos historiadores sociais marxistas . Caber-lhes-á testar , através da investigação histórica , hipóteses como as que se seguem : a) a predominância da religião católica romana e da filosofia tomista resultam da reprodução articulada das estruturas econômica e jurídico-política do feudalismo ? b) a difusão da religião protestante e da filosofia positivista estão conectadas com a formação das estruturas do capitalismo ?

Estruturas, instituições e aparelhos

Passemos agora à análise do tipo de relação que se trava entre cada estrutura e os agentes envolvidos nas práticas sociais que lhe correspondem . Na verdade , as estruturas não são transparentes (isto é , são opacas) para os agentes . Estes são movidos inconscientemente , em sua prática , pelas estruturas ; e concretizam certos valores , de cunho ideológico , tendo porém a impressão de estar seguindo outras regras , aparentes e formalizadas . Os valores estruturais são portanto recobertos , na prática social cotidiana , por regras institucionais ; o que equivale a dizer que toda estrutura é regularmente ocultada por uma instituição .

As organizações materiais e humanas que padronizam os diferentes tipos de atividade social são os Aparelhos , cujo motor é a estrutura oculta , e cuja superfície é o aspecto regimental ou institucional . Um aparelho (seja o econômico , seja o jurídico-político) é portanto um sistema de organização da prática social , onde regras institucionais se sobrepõem a valores estruturais, ocultando-os . O trabalho do

pesquisador marxista , na análise dos aparelhos , consiste justamente em descobrir as estruturas subjacentes à realidade institucional .

A hierarquização das estruturas dentro da totalidade social : determinação em última instância , dominância

Cabe agora abordar o aspecto central da matriz da totalidade social : o tipo de relação que se estabelece entre as suas estruturas . Já esclarecemos , anteriormente , que os althusserianos abandonam a ideia de uma determinação simples e unilateral da superestrutura pela infraestrutura . A corrente althusseriana mantém , no entanto , a tese de que a totalidade social é internamente hierarquizada : “um todo estruturado com dominante”. A inovação , nos textos althusserianos , está em que a ideia da determinação , sempre presente na tradição marxista , aparece desdobrada em duas outras ideias . A primeira ideia consiste em sustentar que uma única estrutura - a estrutura econômica - desempenha o papel de distribuidor de lugares (os lugares dominante e subordinado) entre as estruturas que compõem a totalidade social . No desempenho desse papel , a estrutura econômica pode inclusive (em certos tipos particulares de totalidade social , como o capitalismo) atribuir o papel dominante a ela mesma . Essa capacidade de atribuir lugares diferenciados (dominante , subordinado) às estruturas componentes da totalidade social é denominada , pelos althusserianos , “exercício da determinação em última instância pela estrutura econômica” .

A segunda ideia inovadora consiste em afirmar que se delineia , dentro da totalidade social , um papel dominante , que é distinto do papel de exercício da determinação em última instância ; e que é desempenhado variavelmente por uma das estruturas componentes da totalidade social . Exemplifiquemos . Para os althusserianos , no escravismo a estrutura econômica determina que o papel dominante caiba à estrutura jurídico-política . No feudalismo , a estrutura econômica determina que o papel dominante caiba à estrutura ideológica (ou à estrutura jurídico-política , caso não se leve a estrutura ideológica em consideração) . E , no capitalismo , a estrutura econômica se investe , ela própria , do papel dominante . Mas qual é o conteúdo do conceito de dominância ? A conceituação althusseriana de “dominância” é sumária : ela se reduz à capacidade de uma estrutura “intervir” na reprodução das demais , ao criar condições necessárias a essa reprodução .

Devemos , agora , passar à análise crítica da matriz althusseriana da totalidade social . Para tanto , temos de examinar a dupla de conceitos esboçados (determinação

em última instância , dominância) , na sua interconexão . É inconveniente abordar isoladamente cada um dos dois conceitos , como fizeram alguns críticos brasileiros do pensamento althusseriano . Vejamos , em primeiro lugar , o que pode ser resgatado do conceito de “determinação em última instância pelo econômico” ; e , a seguir , o que deve ser rejeitado na versão althusseriana da “determinação em última instância” . O papel em última instância do “fator econômico” é um princípio correto do materialismo histórico , como indicou Engels nos seus trabalhos e em sua correspondência . Porém , a pesquisa histórica evidencia que o desempenho desse papel , contrariamente ao que afirmam os althusserianos , é anterior ao funcionamento e à reprodução de um tipo qualquer de totalidade social . É por isso que Althusser reconhece , num texto da década de 1970 , que a determinação em última instância exercida pelo fator econômico é a “causa ausente” da totalidade social ; mas ele não tira nenhuma grande consequência teórica dessa afirmação , pois fazê-lo equivaleria a colocar em risco a matriz althusseriana “oficial” da totalidade social . Os althusserianos poderiam ter se mantido fiéis à fórmula engelsiana sobre o papel em última instância determinante desempenhado pelo fator econômico ; nesse caso , deviam tê-lo retirado da matriz da totalidade social , bem como tê-lo testado como elemento explicativo da transformação social (isto é , do processo de passagem de um tipo de totalidade social a outro) .

Estamos propondo , portanto , ainda dentro da perspectiva althusseriana , o deslocamento do conceito de “determinação em última instância” , do plano da análise do processo de funcionamento e reprodução da totalidade social para o plano da análise da transição de um tipo de totalidade social para outro .

Passemos agora à análise crítica do conceito de “dominância” . Trata-se de um conceito correlato ao conceito de “determinação em última instância” . Esta última consiste na atribuição , a uma estrutura qualquer , da condição de estrutura dominante : isto é , a capacidade de intervir na reprodução das demais estruturas . Ora, constata-se , a esse respeito , uma incongruência constante nos textos althusserianos : na análise de totalidades sociais particulares (como a capitalista) , os althusserianos trabalham com um modelo de intervencionismo recíproco das estruturas , cada uma delas (econômica , jurídico-política) intervindo a favor da reprodução da outra . Estamos portanto diante de um segundo modelo teórico , não apresentado como tal ao leitor . Nesse segundo modelo teórico , toda estrutura interage necessariamente com as demais , garantindo assim a reprodução de um tipo particular de totalidade social .

Estamos portanto afirmando que , no trabalho teórico althusseriano sobre totalidades sociais particulares (como o capitalismo) , o modelo da implicação recíproca das estruturas , claramente utilizado em Lire le Capital para caracterizar o “modo de produção capitalista” , dissolve o conceito de “determinação em última instância” , pois esse conceito suporia que apenas uma estrutura exercesse uma intervenção sobre as demais . Conseqüentemente , esse modelo também esvazia o conceito de “dominância” , construído para caracterizar um intervencionismo unilateral , e não , recíproco .

Esclareça-se , finalmente , que a matriz “oficial” da totalidade social resultava da transposição indevida de uma fórmula teórica presente nalgumas das Cartas filosóficas de Engels , escritas na década de 1890. Engels propunha , nesses textos , uma importante distinção analítica : a) a observação estática de uma sociedade qualquer nos permite tão somente operar com a ideia da interação de múltiplos “fatores” : o econômico , o político , o cultural , o filosófico , etc. ; b) na análise do Curso da História (isto é , dos processos de mudança social global) , torna-se claro o papel em última instância determinante do fator econômico . Interpretemos o pensamento de Engels . O papel em última instância determinante do fator econômico (que Engels nomeia “o movimento da economia”) se torna , para esse autor , evidente na análise dos processos de passagem de um tipo a outro de totalidade social ; e não , na análise do padrão de funcionamento e reprodução de um tipo particular de totalidade social . Clarifica-se , assim , a natureza do aproveitamento teórico que os althusserianos fizeram do materialismo histórico engelsiano : eles transpuseram a “determinação em última instância” engelsiana , do terreno da análise dos processos de mudança social para o terreno da análise dos processos de funcionamento reprodutivo das sociedades humanas .

A corrente althusseriana e a busca da conciliação entre as duas matrizes da totalidade social : o conceito de “sobredeterminação”

Althusser , já na obra que marcou a emergência do seu projeto de reconstrução do materialismo histórico (Pour Marx) , pressentia a dificuldade de construir os conceitos referentes a totalidades sociais particulares (escravismo , feudalismo , capitalismo) com apoio exclusivo nos conceitos de “determinação em última instância” e “dominância” . A baixa operacionalidade desses conceitos levou-o , em consequência , a propor um conceito complementar : o conceito de “sobredeterminação” . Tal

conceito , presente em “Contradição e sobredeterminação” e em “Sobre a dialética materialista” (textos constantes de Pour Marx) , indica o condicionamento recíproco das estruturas da totalidade social e , ao mesmo tempo , a subordinação desse processo de interação à determinação em última instância exercida pela estrutura econômica . Segundo o autor , é preciso reter , na análise da totalidade social, “...o que é preciso chamar de acumulação de determinações eficazes (saídas das superestruturas e das circunstâncias particulares , nacionais e internacionais) sobre a determinação em última instância pelo econômico .”

Esse conceito é um dos mais problemáticos na empreitada althusseriana de reconstrução do materialismo histórico . A rigor , ele desempenha um papel negativo : o papel de um dispositivo teórico mediador , destinado a promover a “conciliação” entre duas matrizes distintas da totalidade social . Ora, essa conciliação é inviável . A suposição de uma “implicação recíproca das estruturas” (suposição essa amplamente presente nas análises althusserianas de totalidades sociais particulares) não tem como se harmonizar com as ideias de “determinação em última instância” e de “dominância” : a implicação recíproca das estruturas é a negação do caráter determinante de uma certa estrutura (a econômica) e do caráter dominante de alguma estrutura . Para os marxistas que querem resgatar o projeto althusseriano inicial de reconstrução do materialismo histórico , só resta uma alternativa : reaproveitar a tese da implicação recíproca das estruturas na caracterização geral da totalidade social (e não apenas de uma totalidade social particular , como a capitalista) ; e , a seguir , deslocar a ideia do caráter em última instância determinante do fator econômico para o terreno da análise dos processos de transição de uma totalidade social particular a outra (isto é , processos de mudança social , e não , de reprodução social) .

A teoria althusseriana do processo de transição

Muitos autores adversários da corrente althusseriana acusaram-na de focalizar tão somente os processos de reprodução social , e de menosprezar a análise dos processos de mudança social . No entanto , a primeira obra coletiva (Lire le Capital) da corrente althusseriana já continha um texto onde se apresentavam os lineamentos gerais de uma teoria da transição de uma totalidade social particular a outra . O texto era “Elementos fundamentais do materialismo histórico” , e seu autor era Etienne Balibar . Uma leitura cuidadosa desse texto nos permite detectar dois aspectos distintos

na análise balibariana da transição : a) a “morfologia da transição” ; b) a “dinâmica da transição” .

Para Balibar , do ponto de vista morfológico , a fase de transição se delinea como uma situação específica de coexistência de elementos pertencentes a diferentes tipos de totalidade social , numa sociedade concreta . Essa coexistência gera dois tipos de defasagem . A primeira defasagem ocorre dentro da estrutura econômica : trata-se da defasagem entre as relações de propriedade (capacidade de alguém dispor de fato do produto do trabalho e dos meios de produção) e as relações de apropriação real (controle efetivo do processo de produção) . Para Balibar , há defasagem entre as duas relações quando o agente que detém a propriedade não é o mesmo agente que exerce a apropriação real . A segunda defasagem ocorre entre a estrutura jurídico-política (“antecipada”) e a estrutura econômica (“atrasada” , quando considerada globalmente) .

Como caracterizar os efeitos possíveis dessa dupla defasagem ? A defasagem, por atraso, entre relações de propriedade e relações de apropriação real não é , a meu ver , suscetível de produzir efeitos dinâmicos (isto é , efeitos transformadores) . O conceito de “relações de apropriação real” capta a dimensão social do conceito de “forças produtivas” (ou seja : a configuração da divisão social do trabalho) ; mas não retém o seu aspecto material (técnicas , instrumentos materiais , know-how) , que se reveste de um caráter cumulativo e acaba produzindo efeitos dinâmicos . De resto , a defasagem entre as duas relações não pode ser encarada como típica das fases de transição , já que ela pode ser encontrada em processos de reprodução de totalidades sociais pré-capitalistas , como o feudalismo ou o modo de produção asiático . É curioso que Balibar não analise a presença dessa defasagem em sociedades pré-capitalistas ; é claro que , se o tivesse feito , não poderia utilizar esse fenômeno como elemento típico das situações de transição .

Já a defasagem , por antecipação , entre estrutura jurídico-política (avançada) e estrutura econômica (atrasada) induz a transformação da estrutura econômica , com apoio no desenvolvimento cumulativo do aspecto material das forças produtivas . Balibar qualifica esse papel indutor , desempenhado por uma estrutura numa situação de transição , como “papel dominante na estrutura social total” . Ele recorre portanto , de modo incongruente , a um termo – dominante – que já havia sido usado para indicar outra situação : o intervencionismo de uma estrutura no processo de reprodução da totalidade social ; e não , o intervencionismo de uma estrutura no processo de passagem de um tipo de totalidade social a outro .

A meu ver , é essa dimensão da morfologia balibariana da transição - a defasagem entre estruturas : e não , a defasagem dentro de uma estrutura (a econômica) - que pode ser retida e testada na análise do processo histórico . Ao examinarmos a História moderna e contemporânea , constataremos que as grandes revoluções políticas se antecipam às transformações econômicas globais ; e desempenham um papel indutor nesse processo , sobre uma base de apoio constituída pelo desenvolvimento cumulativo do aspecto material das forças produtivas . É o caso , por exemplo , de revoluções políticas burguesas , como a inglesa de 1640-1689 e a francesa de 1789 – 1794 ; ambas instauraram uma estrutura jurídico-política que seria indispensável à instauração de uma economia capitalista num momento posterior .

Analiseemos agora a visão de Balibar sobre a dinâmica da transição . Ela consiste numa cadeia complexa de causalidade cujo resultado final é o estabelecimento , numa sociedade concreta , de um novo tipo de totalidade social . Para os pesquisadores marxistas , a análise da dinâmica da transição é fundamental , pois é através dela que se pode evidenciar a validade da tese marxista acerca do primado do fator econômico no processo histórico . A análise balibariana da dinâmica da transição reintroduz o tema marxiano dos efeitos sociopolíticos do desenvolvimento das forças produtivas ; tema essa que estava ausente da morfologia balibariana da transição . O desenvolvimento das forças produtivas , no quadro das relações de produção vigentes , produz na longa duração um efeito social não previsto ou projetado pelos agentes desse desenvolvimento . Esse subproduto - ou efeito colateral - consiste no desarranjo das relações entre os grupos sociais dotados de posições diferentes dentro do sistema econômico . Se , anteriormente , esses grupos sociais se integravam e complementavam dentro do sistema econômico , agora eles não pode mais viver como antes , e entram em conflito .

Portanto , se na curta duração o desenvolvimento das forças produtivas é funcional para a reprodução do sistema econômico , na longa duração ele induz o desenvolvimento da luta de classes . Ora , é a luta de classes a causa imediata da derrubada da velha estrutura jurídico-política e da implantação de uma nova estrutura jurídico-política , defasada, por antecipação, com relação à estrutura econômica . Essa nova estrutura jurídico-política induzirá a transformação da estrutura econômica , sobre um fundo desenhado pelo estágio vigente de desenvolvimento das forças produtivas ; ou seja , nas condições materiais específicas instauradas por esse desenvolvimento . O discurso oficial althusseriano coloca o papel em última instância determinante do econômico dentro do processo de reprodução da totalidade social . Mas esse papel

reemerge na abordagem althusseriana da transição de um tipo de totalidade social para outro . A matriz althusseriana oficial da totalidade social é teoricamente incongruente ; Já a teoria althusseriana da transição pode ser testada , com sucesso , na análise dos processos históricos concretos de Revolução burguesa .

Conclusão

Se quisermos dar algum aproveitamento ao trabalho desenvolvido pelos althusserianos na reconstrução do materialismo histórico , devemos resgatar o modelo da implicação recíproca das estruturas dentro da totalidade social , a morfologia balibariana da transição e a dinâmica balibariana da transição . Desse modo , poderemos reconstituir a dialética histórica objetiva , que consiste numa sucessão de períodos de reprodução social e de mudança social . Nessa dialética , o desenvolvimento das forças produtivas desempenha, alternadamente , um papel integrativo e um papel disruptivo .

Uma vez aceita como teoricamente justa essa apresentação dos contornos gerais da dialética histórica real , ainda restará aos marxistas muito trabalho de pesquisa por ser feito . Deve-se mencionar , especialmente , o aprofundamento da análise da implicação recíproca entre estrutura econômica e estrutura jurídico-política dentro da totalidade social , bem como da conexão entre estruturas e instâncias não-estruturais dentro de sociedades concretas . Será necessário , igualmente , aprofundar , com base em amplos estudos históricos , a relação entre o desenvolvimento das forças produtivas e a emergência da luta de classes , dentro de diferentes tipos históricos de totalidade social .

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER , Louis. Análise crítica da teoria marxista . Rio de Janeiro : Ed. Zahar , 1967
- ALTHUSSER , Louis. Lénine et la philosophie .Paris : Ed. Maspero , 1969
- ALTHUSSER , Louis , et al.. Lire le Capital , 4 volumes . Paris : Ed. Maspero , 1973
- ENGELS , Friedrich . Cartas sobre el materialismo histórico 1890-1894. Moscou : Editorial Progreso , 1980

SAES , Décio. O impacto da teoria althusseriana da História na vida intelectual brasileira . In : MORAES , João Quartim de . História do marxismo no Brasil . Campinas : Editora da Unicamp , 1998